

**Pesquisadores das universidades da França entraram em confronto com o governo. Uma greve que paralisou várias instituições e manifestações que duraram dois dias, com direito a arremessos de sapatos na fachada do Ministério da Educação Superior, marcaram a reação a um decreto do presidente Nicolas Sarkozy. Subproduto da lei de autonomia universitária aprovada em 2007, o decreto estabelece que a avaliação dos pesquisadores contemple as contribuições para o ensino e a administração, em vez de ser baseada exclusivamente no mérito**

**AS DORES DA AUTONOMIA**



da pesquisa. As universidades também ganham o poder de definir quanto tempo seu pessoal vai gastar em ensino e pesquisa. O problema não é o formato da avaliação, mas o fato de o decreto transferir para reitores a responsabilidade de avaliar os pesquisadores, até então a cargo de um conselho nacional. Numa carta que teve como principal signatário Albert Fert, Nobel de Física de 2007, cientistas expressaram preocupação quanto ao controle que os administradores acadêmicos passarão a ter sobre o trabalho dos pesquisadores. O geneticista Axel Kahn, reitor da Universidade de Paris-Descartes e defensor das reformas, disse à revista *Nature* que a velocidade das mudanças assustou os cientistas. “Não acredito que se possa mudar um sistema consolidado e nacional tão rapidamente”, afirmou.

**> A timidez do conselheiro**

John Beddington, o conselheiro científico do governo do Reino Unido, foi acusado por parlamentares de falhar em sua missão de defender o uso da ciência na formulação de políticas públicas. O comitê para ciência e inovação

da Câmara dos Comuns divulgou um relatório criticando a postura tímida de Beddington frente à decisão do governo de fornecer remédios homeopáticos de graça à população. David King, que ocupou o cargo de conselheiro por sete anos no governo Tony Blair, atacou duramente a medida,

argumentando que ela pode colocar em risco a saúde dos ingleses. Beddington, que é professor de biologia populacional do Imperial College, alega que se opôs, sim, à decisão e expressou às autoridades sua convicção sobre a escassez de evidências científicas acerca da eficiência da homeopatia no tratamento de doenças. “Fico feliz em desafiar o governo quando isso for apropriado, mas preciso trabalhar dentro do governo para poder influir em suas políticas”, disse Beddington à revista *Nature*. Phil Willis, chefe do comitê que produziu o relatório, diz que continuará a acompanhar o trabalho do conselheiro. “Se Beddington não exigir que o governo baseie suas decisões em evidências científicas, quem mais irá fazer isso?”, indagou.

**> Acaba a censura na Ucrânia**

O ministro da Educação e da Ciência da Ucrânia, Ivan Vakarchuk, colocou um ponto final numa prática que remontava à época da ditadura soviética: a necessidade de submeter a uma espécie de censura prévia artigos acadêmicos das ciências naturais e engenharias. Especialistas contratados pelo governo ainda tinham o poder de controlar a divulgação do conteúdo do trabalho dos cientistas do país. De acordo com o *site* da Rádio Nacional da Ucrânia, o ministro Vakarchuk enviou recentemente uma carta a universidades, institutos de investigação e empresas que investem em pesquisa e desenvolvimento, na qual classificou a velha exigência de incompatível com o Estado democrático e declarou extinta a necessidade de obter uma autorização ao governo para submeter trabalhos acadêmicos à publicação. De acordo com sua resolução,



os editores de publicações científicas do país estão proibidos de solicitar quaisquer documentos oficiais para aceitar artigos. Caberá aos pesquisadores e suas instituições avaliarem se seus achados contêm informações que devam ser protegidas, por razões industriais ou de defesa.



## > Doenças negligenciadas

Um estudo feito pelo Instituto George para a Saúde Internacional, da Austrália, alerta para o risco de a crise financeira comprometer os esforços de pesquisa contra as chamadas doenças negligenciadas, aquelas que atingem os países pobres e não despertam interesse

da indústria farmacêutica para o desenvolvimento de vacinas e tratamentos. Um problema, segundo o instituto, é o número restrito de instituições que destinam recursos às pesquisas – se alguma delas parar de colaborar, o esforço será comprometido. De acordo com os autores, os 12 principais financiadores públicos das pesquisas anunciaram que reduzirão o montante de recursos em 2009. Um exemplo citado no estudo, cujos resultados foram divulgados num artigo da revista científica *PLoS Medicine*, é o do tracoma, infecção que pode levar à cegueira. Cerca de 90% do dinheiro destinado à pesquisa vem de uma única entidade, o Wellcome Trust. De todo o dinheiro investido em 2008 em 30 moléstias, 60% vieram de apenas duas fontes, os Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos e a Fundação Bill e Melinda Gates. O estudo mostra que há uma hierarquia no rol das doenças negligenciadas. Enquanto a Aids, a tuberculose e a malária consomem 80% dos recursos, doenças como a úlcera de Buruli, que provoca necrose na pele, recebe só 0,1% dos investimentos.



ILUSTRAÇÕES LAURABEATRIZ

## > Status de ministério

O governo da Colômbia elevou a *status* de ministério sua agência de desenvolvimento da ciência, a Colciencias. Uma lei sancionada pelo presidente Álvaro Uribe em janeiro torna o titular da agência um subordinado direto do chefe do Estado e o habilita a participar do conselho ministerial quando houver temas científicos tecnológicos na pauta. A agência, que nos últimos 20 anos esteve sob o guarda-chuva do Ministério do Planejamento, também ganhará mais poder e flexibilidade para definir investimentos. Uribe disse que a ideia de equiparar a Colciencias a outras agências do governo era uma antiga reivindicação de parlamentares e pesquisadores do país. Mas a mudança não satisfaz a comunidade científica, que vê pouca serventia no novo *status* da agência sem que o governo defina como cumprirá uma antiga promessa de elevar a 1% do PIB os investimentos em ciência, tecnologia e inovação até 2010. Atualmente esse quinhão é de 0,5% do PIB. Elizabeth Hoyos, diretora do Centro Interativo para a Ciência e Tecnologia, disse à agência de notícias *SciDev.Net* que a mudança é incompleta. “Uma lei de ciência e tecnologia do século XXI que não se preocupe em garantir recursos financeiros é um *nonsense*”, afirmou.



GUNNAR BACH FEJERSSEN

## BRIGA POR NEFERTITI

O Egito ganhou novos argumentos para seu antigo pleito de reaver o busto da rainha Nefertiti (1380 - 1345 a.C.), descoberto em 1912 por arqueólogos alemães e levado a Berlim. De acordo com o *site Spiegel Online*, um documento encontrado nos arquivos do Instituto Alemão do Oriente sugere que, em 1913, o arqueólogo Ludwig Borchardt teria deliberadamente escondido o valor

da peça a Gustave Lefebvre, então diretor do Conselho de Antiguidades do Egito, na hora de fazer a partilha dos achados de sua expedição. Além de ter escondido o busto no fundo de uma caixa, Borchardt teria apresentado uma foto ruim da peça e dito que se tratava de uma mera escultura de gesso. O governo alemão reagiu. A Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano (SPK) disse que é falsa a afirmação de que a obra não teria sido transportada de forma legal para a Alemanha. A partilha das peças teria sido feita de forma equitativa através de fotos e tiragem de amostra dos objetos, segundo a SPK. O busto de Nefertiti, em exposição atualmente no Altes Museum de Berlim, é uma das principais atrações turísticas da capital alemã.

**PAGANDO PARA IR À LUA**

Um espectrômetro que havia sido desenvolvido para estudar o solo de Marte numa missão europeia em 2016 irá primeiro

à Lua. O grupo de pesquisadores holandeses que está construindo o instrumento anunciou que vai enviar um protótipo do equipamento, batizado de MoonShot, para a superfície lunar em 2011, em parceria com a empresa britânica Odyssey Moon. “Vamos inaugurar uma nova era”, disse à revista *Nature* Alan Stern, diretor científico da missão e ex-cientista-chefe da Nasa. Segundo ele, trata-se de um primeiro teste de um esquema idealizado pela Odyssey Moon para oferecer serviços de transporte de carga até a Lua para cientistas cujos experimentos foram cortados em missões oficiais ou para nações que não dispõem de tecnologia para mandar sondas ao espaço. O consórcio de empresas e instituições holandesas, que está desenvolvendo o espectrômetro, entre as quais a Philips e a Universidade Livre de Amsterdã, deverá pagar US\$ 10 milhões à Odyssey Moon para mandar o equipamento à Lua. “É um negócio que fará muito sentido num futuro próximo”, disse Stern. O aparelho foi desenhado originalmente para procurar compostos orgânicos no solo marciano usando dois tipos de espectrometria a laser. A versão que irá a Marte na missão Exomars, da Agência Espacial Europeia, foi reduzida e incluirá apenas um espectrômetro. Já a versão que vai à Lua também terá um segundo espectrômetro para escanear o solo lunar em busca de metais pesados.

> **Festa lusitana**

O Ministério da Ciência e Tecnologia de Portugal lançou um programa para promover a difusão da história da ciência no país e valorizar o patrimônio cultural e científico. Batizada de “100 anos de República, 100 anos de Ciência”, a iniciativa terá como recorte os avanços e os cientistas que marcaram a modernização do país após 1910, ano da queda do rei D. Manuel II. O programa incluirá apoios à preservação, classificação e estudo de acervos documentais e arquivos de ciência. Serão lançados dois concursos, um para projetos de pesquisa em história da ciência em Portugal e outro para bolsas

de doutoramento no país e no exterior, destinado a jovens pesquisadores. Também está prevista a criação de um fundo de apoio à publicação e edição de estudos de referência. “O nível científico já alcançado em Portugal exige um conhecimento sistemático do nosso próprio desenvolvimento científico e tecnológico, e das suas condições históricas”, informa um documento do Ministério da Ciência e Tecnologia. A programação terá início em julho.

> **Missão completa**

O Irã anunciou o lançamento de um satélite de coleta de dados ambientais por meio de um foguete de fabricação nacional, ingressando no restrito grupo de países capazes de lançar satélites com tecnologia própria. Segundo o chanceler iraniano, Manouchehr Mottaki, o satélite terá fins pacíficos. O anúncio foi recebido com preocupação por autoridades de países ocidentais. O temor não se vincula ao satélite, batizado de Omid (esperança, em persa), mas ao foguete Safir-2, cuja tecnologia revela a competência do país em produzir mísseis balísticos. A comunidade internacional já tentava cercar sem sucesso o programa nuclear iraniano, acusado de servir de fachada para objetivos militares – o que o país nega.



Odyssey Moon: transporte privado de experimentos científicos